

Passado, presente e futuro das tecnologias na Educação

Muitas conjecturas se fizeram em torno do desenvolvimento e das tecnologias em suas relações com a realidade educacional. A linha de pesquisa Educação, Desenvolvimento e Tecnologias, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos, tem buscado estabelecer eixos investigativos nos quais a tecnologia e o desenvolvimento possam ser tomados nas mais variadas possibilidades, tendo por contexto a Educação e sua diversidade de cenários. Desse modo, lançamos um desafio à comunidade acadêmica em geral para refletirmos, desde recortes históricos até os contextos atuais, sobre como a perspectiva das tecnologias na Educação pode dialogar com a proposta de um desenvolvimento mais horizontal.

A inspiração dessa ideia de desenvolvimento mais horizontal tem como fundamento uma “ecologia de saberes” segundo a qual o conhecimento é sempre interconhecimento. Portanto, interrogamos como tecnologias e saberes se desenham e podem se articular em favor de um desenvolvimento e de uma pedagogia inclusiva e emancipatória?

Abrimos o dossiê com o artigo de Daniel de Queiroz Lopes e Edla Eggert, *Uma introdução ao compromisso do pensar emancipatório por meio das tecnologias digitais e artesanais*, para convidar nossos leitores e leitoras a analisar a conjuntura da sociedade atual tendo como chave hermenêutica a dominação-exploração. São colocados em evidência e tensão, as tecnologias digitais locativas e as tecnologias artesanais a fim de provocar um debate de novas leituras de mundo por meio da socialização de saberes localizados, plurais e anti-hegemônicos. É um convite para que tenhamos presente o fazer pensar desde lugares que contam suas experiências na interface das tecnologias que estão disponíveis para a emancipação.

Entre o artesanal e o digital está a consciência da realidade a partir de um pensador brasileiro ainda bastante desconhecido, inclusive na área da Educação, Álvaro Vieira Pinto. Esse autor nos é (re)tomado por Rodrigo Freese Gonzatto e Luiz Ernesto Merkle com o título, *Amanualidade em Álvaro Viera Pinto: desenvolvimento situado de técnicas, conhecimentos e pessoas*. Os autores analisam o conceito de “amannualidade” como a constituição da produção de si. Ou seja, da produção de cada pessoa pelo que lhe vêm a mão e, o que vêm a mão é a

ação se dá por meio do trabalho. Os autores problematizam o conceito de Tecnologia por meio da retomada desse autor tão caro a Paulo Freire que chamava Vieira Pinto de “meu mestre”.

O artigo *L'Espace de coexistence hybride, multimodal, pervasif et ubiquitaire: le quotidien de l'éducation à la citoyenneté*, de Eliane Schlemmer, Luciana Backes e Fabio La Rocca apresenta temática recente envolvendo o hibridismo tecnológico digital em favor da configuração de espaços escolares mais permeáveis ao seu entorno: à cidade, ao bairro e à socialização. Discutem a legitimação dos saberes de professores e de estudantes a partir da coexistência engajada aos espaços de ensino e de aprendizagem em favor da emancipação e da cidadania.

Já no texto de Thomas Louis Yvon Petit e Gilberto Lacerda Santos, intitulado *Interconexões entre a educação e o smartphone: proposta de um framework contextualizador da aprendizagem nômade* são retomadas algumas ideias de John Dewey e Paulo Freire para dar suporte ao pensar emancipatório na relação com a aprendizagem nômade. Os autores propõem um *framework* sobre *mobile learning* que considere a diversidade do cotidiano dos aprendentes, a democratização no *design* de suas experiências de aprendizagem, a intercomunicação e a colaboração. Defendem a ideia de aprendizagem nômade baseada em sua dimensão tecnológica, humana e contextual, configurando-se num espaço-momento articulado às comunidades em rede dos aprendentes.

O artigo de Paula Caldo da Universidade Autônoma de Rosário, *En la radio, en el libro y en la televisión, Petrona enseña a cocinar. La transmisión del saber culinario, Argentina (1928-1960)*, apresenta uma análise sobre o conhecimento e os modos como foram transmitidos por uma cozinheira. Os saberes da culinária recortados num tempo em que às mulheres a cozinha era reservada como o lugar de fazer, mas não um lugar de pensar. A autora apresenta Dona Petrona uma mulher que se construiu cozinheira e ecônoma analisando o conhecimento técnico gerado por meio da divulgação e intercâmbio de saberes estabelecidos pelos livros, pelo programa de rádio e televisão protagonizados por essa “dona”. Nesse artigo entra em cena a análise feminista que pleiteia a visibilização da produção do conhecimento feminino.

E para concluir, Juana Sancho-Gil e Fernando Hernández-Hernández, com o artigo *Una visión amplia y compleja de la tecnología. Trayectoria, transiciones y posiciones de un grupo de investigación*, apresentam, numa perspectiva ontológica, epistemológica e metodológica, os processos que constituíram o grupo de pesquisa *Esbrina - Subjectividades, visualidades y entornos educativos contemporáneos* a partir de 1990. O artigo apresenta os contextos anteriores a essa década dando, para quem lê, uma boa noção dos caminhos de fomento da pesquisa para a produção da educação na Espanha. E nessa produção é descrito e analisado o percurso do grupo e seu amadurecimento conceitual sobre o que significa a pesquisa no âmbito das tecnologias na educação, particularmente em relação à perspectiva que envolve a tecnologia, as visualidades e os contextos educacionais.

A diversidade teórica e metodológica que constitui as experiências aqui apresentadas no que se refere ao tema

da educação, do desenvolvimento e das tecnologias, se justifica em função da diversidade dos contextos sociais e educacionais com os quais os autores e as autoras dialogam. Dessa forma, fica evidente que o estabelecimento de um campo de pesquisa que considere a potência emancipatória das tecnologias, sejam elas digitais ou analógicas, exige a compreensão de que é preciso questionar, como propõe Boaventura de Sousa Santos, a monocultura da ciência moderna. É preciso buscar subsídios teóricos e metodológicos que operem a favor de uma ecologia de saberes sustentada pelo princípio da pluralidade e da heterogeneidade característicos de um modelo de ciência que se pretenda inclusivo e não hegemônico. Eis o desafio que, direta ou indiretamente, os textos aqui apresentados sugerem.

Desejamos uma boa leitura!

Edla Eggert e Daniel de Queiroz Lopes